



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/semeando-mundos-cerrado/>

Semeando mundos-cerrado para que não findem: cultivando as roseiras de minha avó

Mayra Nascimento Fonseca[1]

RESUMO: O ensaio tem como ponto de partida a experiência de mediação de mesa com o tema Mulheres do Cerrado, durante o segundo Seminário Agenda 2030 e os Povos do Cerrado, realizado em julho de 2025, na Universidade de Brasília. Com a noção de *fim de mundo* como uma encruzilhada que pode simultaneamente ser entendida como origem e destino, o texto tem a intenção de contribuir para pensar futuros ou retomadas no Cerrado.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia. Cerrado. Fim de mundo. Futuros. Mulheres.

Sowing worlds-Cerrado so they don't end: cultivating my grandmother's rose gardens.

ABSTRACT: The essay takes as its starting point the experience of moderating a panel on the theme Women of the Cerrado during the second Agenda 2030 and Peoples of the Cerrado Seminar, held in July 2025 at the University of Brasília. With the notion of the end of the world as a crossroads that can simultaneously be understood as origin and destination, the text aims to contribute to thinking about futures or renewals in the Cerrado.

KEYWORDS: Anthropology. Cerrado. End of the world. Futures. Women.



Introdução: de volta ao *fim de mundo* [2]



Fonte: desenho feito por minha mãe. [3]

Em oficinas, rodas de conversas, plantios e entrevistas que fazem parte do meu campo de pesquisa desde 2023, aprendi com as raizeiras [4] do Cerrado [5] a iniciar reflexões pensando em/com uma planta que, no momento, me faz bem. E cresci ouvindo a expressão *fim de mundo* em referência a lugares geograficamente distantes, sem acesso via transporte público, onde era frequente dizer que o “desenvolvimento”, ou ocidentalização do mundo (Acosta, 2016), ainda não tinha chegado. Minha família tem origens nesses fins que borram fronteiras epistemológicas, roças no Cerrado norte-mineiro onde eu visitava parentes na infância e escutava histórias sobre a precariedade de serviços básicos como saúde e educação, como também sobre a fartura gerada a partir do manejo de plantas e do trabalho para celebrar festas. Foi de lá que minha avó paterna trouxe roseiras que cultivava, em sua migração para a maior cidade da região, quando foi necessário acompanhar seus filhos em idade escolar.

Além de delimitar o perímetro da casa, aprendi com minha avó que as roseiras também são usadas para o cuidado com o corpo, como é o caso do preparo de infusões das pétalas das rosas para a



cicatrização da pele e para banhos calmantes. Ademais, a planta contribui para a energia do lar, já que beleza e perfume atraem outras vidas e energizam refúgios (Haraway, 2023). Minha mãe zelou pelas roseiras da minha avó e, delas, fez mudas que renderam a que hoje está em meu quintal. Escrevo este texto olhando para a roseira que herdei das mulheres da minha família, já que cultivá-la com a atenção que essa planta pede é um de meus modos de, ao mesmo tempo, voltar para casa (Bispo dos Santos, 2023) e semear mundos-Cerrado. Logo, como fizeram minha avó e minha mãe, de me reinventar diante das urgências, mas mantendo minhas raízes.

Dado tudo isso, me apego à ideia literalmente familiar de *fim de mundo* como uma encruzilhada que pode ser simultaneamente origem e destino para, ainda que falar sobre o fim do mundo esteja cada vez mais *pop* [6] (Piseagrama, 2017), escrever este ensaio com a intenção de contribuir para pensar futuros no Cerrado (Stengers, 2015) ou, dito de outra forma, para semear sementes (Haraway, 2023) e cuidar de mudas para a retomada de mundos-Cerrado.

As sementes aqui lançadas foram compartilhadas por mulheres durante o segundo Seminário Agenda 2030 e os Povos do Cerrado, realizado entre os dias dois e quatro de julho de 2025, no Memorial Darcy Ribeiro, na Universidade de Brasília (UnB). Como o próprio nome sugere, o seminário visava promover o diálogo entre os diversos setores da sociedade e representantes dos Povos e Comunidades Tradicionais do Cerrado, em torno da Agenda 2030 [7] da Organização das Nações Unidas (ONU), com foco no fortalecimento das identidades e das estratégias locais de sustentabilidade. Ou seja, era fundamental para o debate evidenciar a centralidade das práticas culturais, artísticas e de manejo dos povos do Cerrado para a proposição de futuros.

Nos dois dias do evento coordenado pela pesquisadora Luana Marques, aconteceram quatro mesas de trabalho com temas e pessoas convidadas específicas, entre elas uma que se chamava Mulheres do Cerrado. Com a minha mediação e com relatoria da também pesquisadora Maria Paula Calanzani, essa mesa tinha o objetivo de destacar o papel das mulheres para a construção da identidade, para a transmissão de saberes e para a economia de base comunitária no bioma.

Com a responsabilidade de fomentar o debate nas mesas, Valdelice Veron, Layla Silva, Ayanna Duran e Marjorie Chaves apresentaram seus trabalhos autorais, respectivamente, sobre a luta do povo Kaiowá pelo direito à terra no Mato Grosso do Sul, sobre a cartografia das mulheres que



trançam cabelos no Distrito Federal, sobre as práticas de cuidado ancestral e sustentabilidade por mulheres no Cerrado, sobre os saberes e práticas com as plantas medicinais no Quilombo do Cedro, no interior do Goiás. Valdelice Veron é uma liderança indígena Kaiowá, mestra em Desenvolvimento Sustentável pela UnB e doutoranda em Antropologia pela mesma universidade. Layla Silva é especialista em história e cultura afro-brasileira, educadora popular, idealizadora do projeto Tranças no Mapa e mestra em Sustentabilidade junto a Povos e Comunidades Tradicionais na UnB. Ayanna Duran é mulher indígena do povo Chiquitano, com território entre a Bolívia e o estado do Mato Grosso, artesã, artista e faz parte da Coletiva de Mulheres Indígenas e Negras Quilombolas. Marjorie Chaves é historiadora, educadora popular em saúde e coordenadora do Observatório da Saúde da População Negra na UnB. A conversa gerou uma lista de demandas e propostas que compuseram a Carta do Cerrado [8], documento coletivo do seminário entregue oficialmente aos deputados federais em Sessão Solene na Câmara Federal, no dia quatro de julho de 2025.

Nesta peça, sigo com as reflexões propostas por Valdelice, Layla, Ayanna e Marjorie no seminário para, na próxima seção, pensar como estão se dando os fins de seus mundos. Em seguida, apresento uma seção sobre as retomadas dos seus mundos-Cerrado. Por fim, na conclusão do texto, reflito sobre possíveis contribuições da academia para que essas sementes das mulheres do Cerrado sejam cultivadas.

Cerradeiras e os fins do Cerrado

No sentido de Dias e Freire (2020), é possível pensar as mulheres do Cerrado como “cerradeiras” uma vez que existem em um intrincado sistema de pensar-saber-fazer com o bioma na medida em que, no cotidiano, o transformam e são ao mesmo tempo transformadas por ele. De fato, para elas Cerrado não é palavra que define somente um bioma. Transbordando essa definição, Cerrado é cura, alimentação, família, fé, arte, rotina e futuro, vida.

As “cerradeiras” são, portanto, produtoras de vida, de conhecimento e de ciência no sentido de Stengers (2015), ou seja, sem fazer uma oposição brutal entre as ciências hegemônicas e os saberes dessas mulheres. Elas entendem a luta pela conservação do Cerrado como a luta pela



manutenção da vida e pela salvaguarda das suas práticas concebidas na interação com os territórios rurais, como também nas cidades. Elas são Cerrado e, nessa medida, não projetam imagens de mundos-Cerrado sem elas, nem delas sem os mundos-Cerrado (Danowski e Viveiros de Castro, 2014).

Diante do exercício proposto pelo seminário, ou seja, vislumbrar futuros sustentáveis, elas ficaram com o problema (Haraway, 2023), isto é, se mostraram verdadeiramente presentes. Com consciência da fragilidade da vida e com a precisão das pessoas que já viveram vários fins de mundo (Piseagrama, 2017; Haraway, 2023), pensam os fins e partilham suas experiências e percepções questionando a ideia de sincronicidade e demonstrando saber que não estamos diante de um acontecimento singular e catártico (Danowski e Viveiros de Castro, 2014). Aterradas em seus lugares (Latour, 2020), elas sentem urgências a partir de suas escalas específicas de tempos e espaços e, assim, percebem que as coisas, e as vidas, estão mudando ainda mais rápido ao seu redor (Danowski e Viveiros de Castro, 2014).

Como exemplo, ao narrar as violências históricas sofridas por seu povo Kaiowá, Valdelice Veron traz o despejo, a expulsão forçada de seus territórios ancestrais, como uma imagem de fim de mundo que é algo tangível, para muito além de uma ideia. Ela relembra cenas que não são projeções de futuro, mas passado e presente, com meninas e mulheres sendo puxadas pelos cabelos, destruição das casas e do roçado, árvores arrancadas, animais mortos. Para a líder indígena, o fim do seu mundo-Cerrado é também, como lemos no trecho a seguir, um sinônimo de correntão, ou seja, da técnica ilegal de desmatamento que garante a rápida retirada da vegetação com a utilização de correntes presas a um par de tratores.

Essa violência no nosso território, quando ela chega no nosso corpo, é porque já chegou no Cerrado, no Pantanal, nos rios... Depois que passa o correntão, você vai olhar o lugar: os filhotes de anta, os filhotes de ema, os bichos. Isso é um ecocídio, as árvores sagradas, nunca poderia acontecer isso, a gente vê elas sendo arrancadas. Quando já passa por tudo, que aí chega no nosso corpo humano, já teve o ecocídio, o epistemicídio. Quando se fala do genocídio, já sangrou o mato, já está tudo agonizando, morrendo. (Valdelice Veron, fala em mesa de trabalho Mulheres e Cerrado, no segundo Seminário Agenda 2030 e os Povos do Cerrado).



Ayanna Duran, por sua vez, associa o fim dos rios ao fim das mulheres do Cerrado, com destaque para os territórios indígenas. A contaminação das águas é, segundo a artista indígena que trabalha com projetos de saúde e cura, um dos motivos por trás do alto índice de adoecimento de mulheres, principalmente gestantes e puérperas, em regiões onde há privação de serviços de saneamento básico.

Outro indicador de fim de mundo-Cerrado é, para Marjorie Chaves, a dificuldade de encontrar algumas plantas e árvores no bioma. Ayanna relata que uma preocupação especial de Povos e Comunidades Tradicionais do Cerrado é sobre a incidência do buriti [9], considerado árvore sagrada e guardião das águas. Ademais de oferecer alimento nutritivo e matéria-prima para o artesanato, a presença da palmeira significa a disponibilidade de água de qualidade, logo, de vida.

Retomar e semear mundos-Cerrado

Ainda que diante de tantos fins, ou, nas palavras de Valdelice, exatamente porque tais experiências de fins “mataram também seus medos” [10], as “cerradeiras” se distanciam da apatia do discurso hegemônico e colocam suas sabedorias situadas e resistentes a serviço de distribuir suas sementes de esperança, de procurar formas de manter refúgios e de ressemar mundos-Cerrado (Haraway, 2023).

Para isso, entendem que o primeiro passo é a retomada de si. Ou seja, sem vergonha de quem são, essas mulheres do Cerrado colocam os pés em seus chãos e ocupam seus corpos, suas ancestralidades, suas histórias de vida. Repertórios que nem sempre estão escritos em papel, mas que podem estar salvaguardados nas sementes das roças, em arquivos familiares, na intimidade das casas, nas músicas de quilombos, nas receitas das avós, nos desenhos das tranças dos cabelos. Como ensina Layla, esses são patrimônios, tecnologias ancestrais, que revelam preciosos mapas para chegar em caminhos mais saudáveis e justos.

Essa retomada das “cerradeiras” se dá “na cara e na coragem”, ou, em termos de Prado (2025), não somente com a cabeça no futuro, mas com o corpo inteiro. Para elas, fazer futuro é voltar para as questões do território e, nesse sentido, voltar para o corpo. Ambos, território e corpo, são



espaços entremeados por sua espiritualidade, alvos de violência, como também mundos onde ocorre a produção de conhecimento, de luta e de cuidado.

E, ainda que “ter cuidado” seja aparentemente senso comum (Stengers, 2015), diante da busca pelo “desenvolvimento” (Acosta, 2016) o frequente é negligenciar o cuidado e buscar formas de reparar danos. Em direção oposta, as “cerradeiras” se implicam em lembrar e retomar as práticas de cuidado (Mol et. al., 2024) ou, no sentido de Stengers (2015), a arte do cuidado, ou seja, a importância de imaginar, sondar e colocar atenção nas consequências. Isso não por uma imposição moral, mas por respeito ou prudência. Assim, elas se relacionam com seu entorno, por exemplo, para a fabricação de *remédios caseiros* [11] a partir das plantas dos biomas. As “medicinas do Cerrado” são, segundo elas, conhecimentos ancestrais e estratégias para sua existência que perpassam uma conexão espiritual e uma verdadeira relação de cuidado com as ervas e com a sua comunidade.

Enquanto realizam todas essas práticas anteriormente mencionadas, as “cerradeiras” não demandam igualdade entre elas, pelo contrário, reivindicam o reconhecimento da sua diversidade já que percebem que existem vários mundos findando, ou sendo retomados, de forma simultânea. Ou seja, em termos de De la Cadena (2024), essas mulheres do Cerrado buscam um diálogo respeitoso entre mundos divergentes enquanto produzem formas de “cosmoviver”.

Em seu ideal de futuro sustentável, elas vislumbram o “Bem Viver” (Acosta, 2016) com foco tanto na realidade já vivida por povos indígenas amazônicos e andinos, como enquanto um caminho a ser construído. Essa oportunidade para retomar mundos está baseada em uma filosofia e em práticas com características como vida digna, sustentável e equilibrada, em pequena escala; fortalecimento das relações comunitárias e solidárias; relações de produção autônomas, renováveis e autossuficientes; reconhecimento de experiências locais e imaginação de futuros para alimentar debates locais.

De fato, essa condição de imaginar futuros diferentes é, em consonância com Taddei (2024), uma importante contribuição das mulheres do Cerrado que mostram que outros mundos não somente são possíveis, como já existem. Novamente com Haraway (2023), é possível pensar, portanto, que



a imaginação é a matéria que elas utilizam para semear as suas sementes e, dessa forma, para produzir “mundificações” (Haraway, 2023) “cerradeiras”.

Conclusão: fazer o papel fazer

As crises multidimensionais das mudanças climáticas convocam a academia, e todos os atores da sociedade, a transpor preconceitos (Chakrabarty, 2013) e a dialogar com outras disciplinas e matrizes de conhecimento. Dito de outra forma, também é preciso mudar a forma como pensamos sobre os mundos, e sobre o que está acontecendo com eles (Taddei, 2024).

É nesse sentido que parece muito relevante tensionar um plano de ação global como a Agenda 2030, a partir da escuta de sua compreensão e de novas propostas formuladas por pessoas que adiam o fim do mundo em seus territórios (Krenak, 2019), como são os representantes dos Povos e Comunidades Tradicionais do Cerrado, e em especial as mulheres “cerradeiras”. O que vemos, a partir do diálogo com tais pessoas, é que suas experiências de fins de mundo não as levam a uma atitude paralisante, mas a uma materialidade das questões postas. As noções de tempo e espaço são outras, as urgências são localizadas como os corpos.

E, por fim, como faz diferença com quais conceitos pensamos novos mundos (Haraway, 2023), lembremos o ensinamento da mãe de Valdelice para a filha. Ela insistiu sobre a importância de a filha “fazer o papel falar”, ou seja, de registrar e apresentar as demandas de seu povo nos ambientes onde trabalha, em todos os momentos em que for convidada a discursar.

Concluindo, ainda que as palavras não tenham isoladamente o poder de responder às problemáticas das ameaças à vida (Stengers, 2015), parece que não se pode negligenciar o chamado das mulheres do Cerrado. Logo, é também preciso pensar qual é a contribuição da academia para, junto com as “cerradeiras”, semear mundos-Cerrado. Talvez um caminho seja *fazer o papel fazer*, isto é, participar dos debates, ao lado das lideranças locais e comunitárias, produzindo, como é o caso da do Cerrado feita durante o seminário, documentos implicados em favorecer a tomada de decisões em prol das lutas das mulheres “cerradeiras”.



Bibliografia

ACOSTA, Alberto. 2016. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. 2023. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora.

CHAKRABARTY, Dipesh. 2013. O clima da história: quatro teses. Sopro, n. 91.

D'ALMEIDA, Sabrina Soares. Guardiãs das folhas: mobilização identitária de raizeiras do Cerrado e a autorregulação do ofício. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2014. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie.

DE LA CADENA, Marisol. 2024. Seres-Terra: cosmopolítica em mundos andinos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

DIAS, Luciene de Oliveira; FREIRE, Ralyanara Moreira Freire. 2020. Mulheres em movimento e expressões na construção do viver-Cerrado. *Élisée - Revista de Geografia da UEG, Goiás*, v. 9, n. 2.

FLEISCHER, Soraya; SAUTCHUK, Carlos Emanuel (org.). A antropologia médica de Martín Alberto Ibáñez-Novión. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.

HARAWAY, Donna. 2023. Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: N-1 Edições.

KRENAK, Ailton. 2019. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras.

KRENAK, Ailton. 2020a. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras.

KRENAK, Ailton. 2020b. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras.

KRENAK, Ailton; CARELLI, Rita. 2022. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras.

LATOUR, Bruno. 2020. Onde aterrar?: como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

MOL, Annemarie; MOSER, Ingunn; POLS, Jeannette. 2024. Cuidado: colocando a prática na teoria. *Revista Novos Debates, Brasília*, v. 9, n. 1.

PIRES, Carolina. 2019. Patrimônio Invisível. Brasília: UnB, *Revista Darcy*, n. 21, p. 10-17, 2019.



PISEAGRAMA. 2017. Os fins dos mundos. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, seção Extra! [conteúdo exclusivo online], 24 abr. Disponível em: <https://piseagrama.org>. Acesso em: 19 de julho de 2025.

PRADO, Gabriel. 2025. Crise climática no meu quintal. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, seção Extra! [conteúdo exclusivo online], 02 jun. Disponível em: <https://piseagrama.org>. Acesso em: 19 de julho de 2025.

STENGERS, Isabelle. 2015. No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify.

TADDEI, Renzo. 2013. Conhecendo (n)o Antropoceno. Climacom, ano 2, v. 2.

TADDEI, Renzo. 2024. Mudanças climáticas, mudanças antropológicas. Anuário Antropológico [online], v. 49, n. 3. Disponível em: <https://journals.openedition.org>. Acesso em: 19 de julho de 2025.

Recebido em: 15/09/2025

Aceito em: 15/10/2025

[1] Doutoranda em Antropologia Social na Universidade de Brasília (UnB). ORCID ID: 0009-0001-8347-5727. E-mail: maynfonseca@gmail.com

[2] As palavras e expressões em itálico são categorias êmicas.

[3] Para cultivar os conhecimentos da família, como parte da minha pesquisa, minha mãe e meu pai estão realizando atividades que consistem em desenhar, escrever, conversar, enviar fotos e áudios sobre plantas medicinais e seus usos. Para preservar a identidade, aqui não menciono seus nomes.

[4] As raizeiras são mulheres das classes populares, conhecidas pelo preparo de remédios caseiros a partir de conhecimentos sobre os usos de “raízes”, ou seja, de cascas, ramos, pedaços de tronco, sementes, frutos (Fleischer e Sautchuk, 2012). Ademais, elas fazem parte do grupo reconhecido pelo estado brasileiro como Povos e Comunidades Tradicionais com direitos consuetudinários (D’Almeida, 2018) que se baseiam em valores e cosmovisões transmitidas entre as gerações de uma mesma família.

[5] Segundo Pires (2019), o Cerrado é o bioma mais antigo do país. 70% da sua biomassa está concentrada dentro da terra, por isso é popularmente chamado de floresta invertida. Embora suas árvores não sejam muito grandes, as raízes são profundas e podem passar de 50 metros.

[6] Aqui optou-se pelo itálico no caso de palavras em outros idiomas diferentes do português.

[7] A Agenda 2030 é um plano de ação com vistas a 2030, um contrato social aprovado por unanimidade pelos 193 estados membros da Organização das Nações Unidas (ONU) e que conta com Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) formados por metas em torno do fim da pobreza, da proteção do meio ambiente e do clima, assim



como do alcance de paz e da prosperidade para todas as pessoas e em todos os lugares. (Fonte: <https://brasil.un.org/>, consulta em 20 de julho de 2025).

[8] Disponível em https://drive.google.com/file/d/1Y1DwohjZYSya-IBMfCOPymUJMaB5_o8/view. Acesso em 11 de novembro de 2025.

[9] O Buriti (*Mauritia Flexuosa*) é uma palmeira de origem amazônica, encontrada predominantemente na região Norte, mas que também é frequente nos estados de Maranhão, Piauí, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Minas Gerais e Mato Grosso. Pode alcançar entre 20 e 35 metros de altura e se desenvolve em terrenos baixos com grande oferta de água.

[10] Palavras e frases entre aspas e sem autoria mencionada referem-se, neste texto, a trechos de falas na mesa de trabalho Mulheres e Cerrado realizada no segundo Seminário Agenda 2030 e os Povos do Cerrado.

[11] Remédios caseiros são receitas feitas e comercializadas por raizeiras, como pomadas, tinturas e garrafadas.